

A arte do grafite e suas intervenções no Instituto Federal de Goiás

Karoliny Novais Macêdo (IC), Kayky Ferreira de Souza (IC) e Mônica Mitchell de Moraes Braga (PQ)

PIBIC-EM
Câmpus Inhumas
monicamitchell@ifg.edu.br

Palavras Chave: Grafite; Artistas; Instituto Federal de Goiás.

Introdução

Grafite ou pichação? É muito comum ouvirmos essa pergunta quando nos deparamos com intervenções destas nos espaços urbanos. Muito associado à produção de arruaceiros e vândalos, o grafite por muito tempo foi considerado uma arte marginal. Os espaços urbanos, antes local exclusivo do grafite, passam a dar lugar à instituições públicas e privadas. Possa e Blauth vêm afirmando que: “o grafite está sendo discutido e inserido cada vez mais em diferentes espaços culturais, inclusive no meio acadêmico, gerando discussões entre artistas, críticos e apreciadores de arte” (2012, p.151). O que nos fez questionar, se haveria grafite nos câmpus do IFG.

Metodologia

Foi feito um levantamento de materiais bibliográficos sobre o conceito de grafite na atualidade e o seu contexto histórico, trazendo autores como Ferreira; Kopanakis (2015) e Possa; Blauth (2012). Através de um breve levantamento sobre o grafite no Brasil e no estado de Goiás, identificamos alguns artistas nacionais e regionais que atuam na área do grafite. Para esse levantamento, foi elaborado um fichamento e as buscas foram baseadas em blogs, sites e perfis em redes sociais dos próprios artistas. Além disso, foi desenvolvido um questionário sobre o grafite no IFG, elaborado para os professores dos câmpus. E, por fim, foi feito um levantamento iconográfico dos grafites presentes/realizados nos câmpus do Instituto Federal de Goiás.

Resultados e Discussão

O grafite é considerado um movimento relativamente novo, nascido na década de 1970 nos EUA, considerado um ato de vandalismo pela sociedade por produzir protestos. No Brasil, o grafite também surge em meados da década de 1970, principalmente na cidade de São Paulo, com as intervenções realizadas pelos artistas Alex Vallauri, Carlos Matuck, John Howard (GITAHY, 1999). Foram levantados 12 artistas nacionais os quais 8 são homens e 4 são mulheres e; 12 artistas goianos, dos

quais 10 são homens e 2 duas são mulheres. No IFG, 8 câmpus possuem o grafite até hoje, que são os câmpus Anápolis, Aparecida de Goiânia, Cidade de Goiás, Goiânia e Itumbiara, Inhumas, Jataí e Uruaçu. Obtivemos a resposta de 10 professores dos câmpus do IFG.

Conclusões

Através desta pesquisa, foi possível refletir sobre o papel do grafite como forma de manifestação artística e cultural nos mais variados espaços, em específico nos centros acadêmicos como o IFG. No questionário, as respostas obtidas pelos professores, em sua maioria, apontavam que o grafite seria algo de extrema importância de ser desenvolvido dentro do câmpus. Algumas respostas dos professores apontavam que a comunidade interna criticava ter grafite no câmpus, pois seria algo marginalizado de se ter dentro de uma instituição acadêmica. Alguns queriam desenvolver a arte do grafite, mas por falta de recursos e materiais isso não foi possível de ser feito. O grafite é uma obra efêmera, ou seja, está sujeito a ser apagado por diversos motivos, sejam eles devido a fatores climáticos, como chuva e/ou sol, ou serem apagados por censura. Sendo assim, é importante o registro desses grafites para que a comunidade possa ver, analisar ou até mesmo criticar essas obras e refletir sobre sua inserção nos espaços escolares.

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal de Goiás, ao CNPq pelas bolsas fornecidas e aos docentes que responderam o questionário enviado para eles ao final do projeto.

FERREIRA, Manuela Lowenthal; KOPANAKIS, Annie Rangel. A cidade e a arte: um espaço de manifestação. In: Tempo da Ciência. Toledo, PR: Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. v. 22. n. 44. 2015, p. 79-88.

GITAHY, Celso. O que é graffiti. São Paulo: Brasiliense, 1999.

POSSA, Andrea Christine Kauer; BLAUTH, Lurdi. Arte, grafite e o espaço urbano. In: Palíndromo. Florianópolis, SC: Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC. v. 4. n. 8. 2012, p. 146-163.